

CONTRA AS ARMAS E PELA PALAVRA

Natalício Batista Jr.

Jornalista, Mestre em Comunicação e Semiótica e Especialista em Política e Relações Internacionais. Professor do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

Atento a velocidade das mudanças tecnológicas e sociais do mundo contemporâneo, Toumani Kouyaté é um homem que não esqueceu a importância da tradição na formação dos cidadãos da África atual. Ele um griot da casta de Djélis, da África do Oeste, que participou ativamente das manifestações da juventude pela independência de Burkina Faso. Como artista e contador de histórias, ele fez da dança, da música e da palavra meios para coesão social e preservação dos ritos e identidade africana, sendo um instrumento contra a dominação do Ocidente na África. Como educador em escolas africanas e francesas, há tempo, empenha-se, na transmissão da cultura da África para as novas gerações, em motivar a juventude a recusar a violência e construir uma África diferente, longe da imagem de continente selvagem, faminto, corrupto e analfabeto. Em 1988, Toumani Kouyaté foi reconhecido pela UNESCO como Mensageiro da Paz e, em 2004, recebeu o prêmio HIBOU D'OR, no Canadá, como melhor contador de histórias do mundo francôfônico. Em visita ao Brasil para apresentações e palestras, ele concedeu entrevista a Revista ARTE 21. O ex-jogador de futebol, fotógrafo e professor universitário falou sobre o estatuto da arte africana, as contradições da presença ocidental e chinesa na região, a resistência cultural e política dos jovens e, claro, sobre o Brasil, país complexo que, segundo Kouyaté, precisa estar mais próximo da África.

Natalício Batista Jr.: A África é um continente antigo. Mas, a visão da cultura africana foi comprometida pela dominação ocidental. Algo mudou?

Toumani Kouyaté: A visão do Ocidente sobre a África é a mesma de 400 anos atrás. Foi por explorar a África que o Ocidente tornou-se o que é. Se a África não tivesse existido, o Ocidente não teria história que ele tem hoje. Mas, seja no plano cultural, econômico, social e político, a África influenciou o Ocidente e o resto do mundo.

NB: Que imagem o Brasil tem da África?

TK: É importante dissociar o Brasil do Ocidente. Ele é mais complexo que o Ocidente. É um país mestiço em todos os planos, cultural, moral, educacional e político. Para nós, o Ocidente é a Europa. A imagem que o Brasil tem em relação a África é a escravagista. Então, é normal que no Brasil diga: tivemos escravos, temos descendentes de escravos. O Ocidente ensinou isso ao Brasil, mas foi de propósito. Ele dominou o povo brasileiro de maneira moral que permite nos subestimar. O que fica do tempo colonial até hoje é a África selvagem, doente, faminta, não inteligente, não escolarizada, das corrupções. É só o que se veicula no Brasil. O dia que o Brasil ir, diretamente, à África, vai descobrir que ela não é escravagista e escrava como o Ocidente ensinou. Ela não é doente, não é a morte, nem as corrupções. Eu creio que o Brasil vai se opor muito ao Ocidente.

NB: A arte está presente na África de forma diferente que no Ocidente. Qual é o lugar da arte na África?

TK: Na África, a arte não é separada do cotidiano. Nós não dizemos “eu sou um artista de



manhã e sou outra coisa à noite.” Somos artistas todo o tempo. Nossa forma de refletir e agir é pela arte, porque vivemos na criatividade. A arte é como o senso da vida cotidiana, como o sangue que circula. O Ocidente tem uma visão do sistema artístico da África como se fosse algo muito antigo e mesmo fútil. Há a iniciação em todos os domínios artísticos. É uma escola. Significa que você será iniciado, mas não saberá quando sairá do seu círculo de formação. Você sairá quando sentir-se pronto, ou quando os mestres perceberem que você está pronto.

NB: Os europeus escreveram muito sobre arte africana. O que isso representou para o entendimento da cultura africana?

TK: O Ocidente tentou criar muita coisa sobre a arte africana. Os primeiros pesquisadores antropólogos, etnólogos, sociólogos científicos foram ao encontro da arte visual, especificamente, da dança e da escultura. Entre nós, há muitos tipos de escultura e dança. Como entre nós tudo é feito por códigos, o pesquisador deve viver e ser iniciado para compreender. Aqueles ocidentais que chegaram não foram iniciados. No nível da escultura de bronze, ferro e pedra, há sempre uma força mística atrás. Para nós, arte é o que deve acrescentar uma força mística à força do humano, à força da vida cotidiana. Os ocidentais, como de costume, foram, rapidamente, limitados nos primeiros objetos que viram. Escreveram sobre a arte africana em proveito da compreensão do Ocidente. Agora, se existem pessoas que querem conhecer a arte africana, compreendê-la, não basta ir ao encontro dos artistas nas ruas, porque o turismo os transformou.

NB: O turismo cresce na África. Quais as consequências para a cultura africana ?

TK: O turismo é um risco para todas as culturas do mundo. Ele é importante economicamente, mas destruiu, culturalmente, e, moralmente, as regiões. Ele chega com o dinheiro e faz com que as pessoas façam qualquer coisa pelo turista. Isto desnaturaliza a cultura. Os verdadeiros artistas africanos estão no quintal das suas casas e nas aldeias. Nunca vão expor nas ruas. O Ocidente faz arte pelo reconhecimento e dinheiro. Entre nós, temos a arte como algo vital. As pessoas vivem e necessitam de arte. No Ocidente, você compra para colocar na parede.

NB: A descolonização é ainda um processo complexo e estranho para os africanos?

TK: A África nunca se descolonizou. É ainda é uma “colônia” e teve um processo de independência sob tutela. “Te dou uma independência, mas sou eu mesmo que devo dizer como vai funcionar”. Isto não é independência. Ela conheceu o que se chama movimento de divisão territorial com o objetivo de melhor gerenciá-la, criando os partidos e as repúblicas para fazer funcionar o sistema ocidental. A Europa estudou a descolonização como um sistema de apadrinhamento em que permaneceu “pai”, persuadindo os africanos sobre o que funcionava bem, de acordo com os interesses europeus. Os brancos diziam o que devia ser seguido. Para nós, eles eram os gênios, o sinônimo do êxito, da felicidade. O sistema político da África é uma célula fabricada pelo e para o Ocidente. As pessoas pensam que os africanos são calmos, que não falam. Não! São “serpentes” (rs). Eles acordaram e nada pode parar eles.



NB: Qual é a relação entre resistência política, arte e juventude durante a descolonização africana?

TK: Quando a voz política direta foi massacrada, ela resistiu pela arte. Os primeiros jovens que se opuseram de maneira política, o Ocidente matou. A juventude inteligente começou a reivindicar pela música, a reclamar das coisas, a pintar, a falar coisas. Ela exportou sua arte e denunciou através do discurso artístico o Ocidente. A arte da juventude é a arte da resistência contra o colonialismo.

NB: As reivindicações africanas mudaram com as novas gerações?

TK: Há diferenças entre as gerações, mas o sistema de luta nunca mudou. As reivindicações não mudaram. A África faz a mesma reivindicação desde os tempos neocoloniais.

NB: Quem foram os primeiros artistas a lutar pela identidade africana ?

TK: Quando as crianças africanas foram as escolas ocidentais, compreenderam o sistema ocidental e começaram a dizer não. Eles foram os primeiros estudantes negros que escreveram os livros e fizeram arte com reivindicações, o chamado africanismo. Eles reclamaram a nossa identidade. Criaram os balés e conjuntos musicais para cantar e reivindicar a identidade africana. Tinham tanta força que era novo para o Ocidente. Os ocidentais cederam ao charme da música e elegância africana. Mas, para os políticos africanos, era perigoso.

NB: No século 20, muitos artistas tiveram influência da cultura africana. O que isto significa?

TK: Picasso é um exemplo que se expressou pela arte africana. Na música, Elvis Presley aprendeu música africana e a fez conhecida. Se você retira os ritmos africanos da música do mundo, não há mais música. Se você tira a inspiração africana na pintura, sumirão muitos pintores.

NB: Qual é o perfil dos artistas na África, hoje?

TK: Por exemplo, hoje, a música africana tem muita influência do ritmo ocidental. Se não tiver ritmo que os ocidentais dançam, você não pode comercializá-la. Um africano que não canta na sua própria língua, ele desaparece, no máximo, em cinco anos. Existem dois tipos de artista, hoje. Há aqueles que aceitam fazer o que o Ocidente quer e morre rápido. E existe o que faz o ritmo ocidental, mas que canta na sua língua de origem, que diz e reclama. Este permanece, mesmo sem dinheiro. O negro é interessante pelo o que produz, não por ele mesmo. Olhe, as fronteiras são abertas para os produtos africanos, mas não para os africanos.

NB: O que mudou na juventude africana?

TK: A juventude africana atual é diferente da anterior porque está sob a influência do



dinheiro. Ela tem medo de morrer e necessita de dinheiro. Para os primeiros negros resistentes, morrer era natural. Não se tinha medo da morte. Morrer por uma causa do seu país era normal. A juventude de hoje não está pronta para isso. Para os jovens de antes, o dinheiro não existia. Nós não sabíamos como utilizá-lo, nem como comprar as coisas. Não havia bolso nas calças ou nos shorts. A juventude atual é sacrificada, massacrada em todos os sentidos, culturalmente, moralmente, materialmente, economicamente e fisicamente. Mas, não é uma juventude sem esperança. Estamos lutando para ensinar as pessoas a não usar mais armas. Devemos recusar armas. A palavra é uma arma mais absoluta entre nós.

NB: Qual é a participação da África na globalização?

TK: Ela é o primeiro continente da globalização e nunca saiu. Ela é chinesa, japonesa, coreana, americana, francesa. O continente da globalização não foi convidado para o G8. Se fala de oito potências e a África não é mencionada. Se os presidentes e políticos africanos são corruptos é porque tem um corruptor. Dizer que alguém é corrupto é dizer que existe um corruptor atrás. O que os africanos não sabem ou não sabiam é que, hoje, os políticos foram fabricados pelo Ocidente, distantes da população. Agora, a gente não quer mais isso.

NB: Depois da colonização ocidental, a África vive, atualmente, a expansão chinesa na economia e negócios africanos. O que isto representa?

TK: A presença chinesa existe e é muito perigosa. Mas o erro é do Ocidente que mentiu para a África por muito tempo. Os ocidentais exploram minas e levam a gente às guerras. A China diz que vai fazer tal trabalho, vem e instala máquinas. Os Presidentes africanos só esperam por isso. Mas os chineses não respeitam os contratos. Este é o problema. Eu não sou racista, mas eles não respeitam ninguém. Houve revolta dos africanos contra os chineses, quando chegaram e começaram a ocupar as terras e a corromper. Se você não concorda, eles atiram em você. Eles tem uma regra: nada pode ser dito à imprensa. Por exemplo, os chineses nos fornecem xícaras no preço que podemos comprar e o Ocidente nos vende a 5 euros. Eles produzem coisas que podemos comprar. Não estou de acordo com os chineses, com a forma de desrespeitar os contratos, mas eles fabricam coisas dentro das nossas necessidades. É lamentável, mas é isso que se passa.

NB: O que te chama atenção na produção cultural e artística brasileira?

TK: O Brasil é o país onde vi a política tendo mais importância que a arte, em que há toda subvenção para a arte. Manter uma política cultural artística é muito bom. Mas, o que me desencoraja é que o Brasil não gosta de valorizar sua própria cultura. Quando o Brasil pega um autor para tocar sua música ou realizar um filme, os brasileiros não dão importância. Mesmo quando tem dinheiro, pegam autores ocidentais. Isto é o que se vê na Europa. Os brasileiros podem montar todas as peças ocidentais, mas jamais serão ocidentais. O Ocidente não conhece a arte brasileira. O Brasil não exporta sua arte. Ele tenta exportar arte do Ocidente no Ocidente.



NB: Mas, de que maneira o Ocidente interessa-se pelo Brasil?

TK: O Ocidente tem complexo em relação ao Brasil, porque o Brasil é um país mestiço. Ele tem uma certa liberdade de expressão que o Ocidente não tem. No Brasil, vivemos a vida como queremos. No ocidente, as pessoas não podem.

NB: A África e o Brasil já estão maduros para estabelecer relações mais expressivas, no contexto atual da globalização?

TK: Os brasileiros devem ir ao encontro da África. Mas, não é Angola, Moçambique ou Cabo Verde que falam português. Há outros países. Para os africanos, os brasileiros são irmãos e irmãs que partiram e que voltaram. O africano para o Brasil é um estrangeiro. Os brasileiros tem um complexo com a história da escravidão e não ousam mesmo ir a África. Acho isso perigoso. O Brasil tem milhões de potencialidades que se parecem com as da África. A África não é só um país, uma vegetação, uma cultura ou um tipo de arte. Tem milhões de vida que você vai encontrar. O Brasil deve ir direto a África e ouvi-la. A África está pronta e aberta.

NB: Você dedica-se também a um tipo de pintura africana ancestral. Por que?

TK: Eu desenvolvo uma técnica de pintura ancestral. Chama-se Bogolan e guardo sua autenticidade para exprimir todo um discurso com seus símbolos. Eu posso fazer o moderno, mas não posso abandonar o ancestral. Já ensinei a muitos estudantes, no meu país. Tenho alunos em vários lugares até no Canadá, no Japão. Há dois anos que procuro expor o Bogolan antigo, no Brasil. Aqui, ainda não achei espaço para isso. Sem falar que as peças pesam. A cada viagem trago algumas. As vezes, gostaria de descobrir plantas brasileiras para fazer o bogolan que é só uma mistura de tinturas e argila.

NB: Na sua produção artística, é forte a presença da oralidade africana. Você canta, toca, conta histórias e atua. O que te interessa nisso?

TK: Peguei o caminho da oralidade, porque é a grande escola nossa. A oralidade fornece alguma coisa que transmite o valor das identidades. Para mim, ela é a resistência. As pessoas não escutam mais. Eu conto histórias para que o mundo não mude e que eu permaneça como sou. Conto histórias para preservar o mundo e a mim. Para que eu não desapareça.

